



«Seu tostão vale um milhão»

Alguém ia ter que ensinar aos garotos
o valor do dinheiro – mas quem? E como?

WILL STANTON

OUTRO dia, li um artigo acerca do que será a vida daqui a uma geração – e era sinistro. Não vai haver petróleo, nem gasolina, nem lugar para estacionar o carro. O pior de tudo, porém, nem sequer era mencionado: as pessoas que estiverem dirigindo o país (recebendo os impostos e fazendo o orçamento) freqüentam

atualmente a escola primária. Isso faz com que a gente pare e pense um pouco.

Na primavera passada, levei Roy, Sammy e um grupo de amigos deles a um jogo de futebol. Um dos garotos, Snooky de Tal, estava vendendo barras de chocolate aos outros. Não levantei nenhuma objeção (sou a favor da

livre iniciativa), mas uma coisa me incomodou: quando Snooky estava recebendo o dinheiro, um dos outros perguntou se ele podia trocar uma nota de dez dólares. Tudo que Snooky respondeu foi: «Como é que você quer o troco?» Garotos de 10 ou 11 anos – talvez menos.

«Como é que eles podem aprender o valor do dinheiro se têm todas as facilidades?» perguntei a Maggie. «Graças a Deus que meu pai soube me ensinar quanto vale um dólar.»

«Ele te ensinou?» perguntou ela.

Respondi-lhe que reparasse nos Stillmans.

«Eles não sabem quanto vale um dólar?» indagou Maggie.

«Claro que não. No Natal passado, toda a família foi esquiar no Canadá; no Ano Novo, foram ao México.»

Maggie disse: «Nós levamos os garotos ao cinema e compramos *hamburgers* para eles.»

«Tínhamos contas para pagar», declarei, «e ainda temos.»

«E os Stillmans?»

«Eles também têm contas para pagar», acrescentei. «Muitas contas.»

Ela concordou. «Eles e nós temos contas para pagar; só que *eles* vão a Acapulco e *nós* vamos ao cinema. Quem é que você disse que não sabe quanto vale um dólar?»

Maggie gosta muito de dar piadinhas. No entanto, *como* é que a gente ensina aos garotos o valor do dinheiro? Um livro diz para

lhes darmos uma mesada, outro diz que isso é tolice – ninguém vai dar mesada aos garotos quando eles crescerem.

Meu filho Roy achou que o segundo livro era estúpido. «Isso é asneira», disse ele. «Basta olhar para a capa – toda verde e cheia de desenhos engraçados.» Expliquei-lhe que não se deviam julgar os livros pelas capas.

«Não?» atalhou ele. «Quer dizer que, se tem *Gramática* do lado de fora, é capaz de ter aritmética lá dentro?»

«Nada disso», respondi.

«Nada disso o quê?» perguntou Maggie, que tinha acabado de entrar.

«Estou afirmando que, se um livro diz *Gramática* na capa, não tem aritmética lá dentro.»

«Aha!» exclamou. «Você já reparou nisso?»

Decidi experimentar a mesada, apesar do segundo livro. No sábado de manhã, dei meio dólar a Roy e outro meio a Sammy; ao meio-dia, já não tinham nada. «Vocês têm que fazer um orçamento», disse-lhes. «Esse dinheiro devia durar uma semana.»

Roy replicou que não havia nenhuma maneira de fazer meio dólar durar uma semana... «só se você não gostar de chiclete».

«Nem mesmo se você *detestar* chiclete», acrescentou Sammy.

Outra sugestão do livro era deixar as crianças ganhar dinheiro cortando grama, lavando janelas – e assim por diante. O problema é

que, quando os garotos descobrem que podem ganhar dinheiro fazendo essas coisas, querem ser pagos por tudo. Finalmente, tive que fazer uma lista das coisas pelas quais eles não seriam pagos para fazer. «Não ganham para arrumar suas roupas, tomar banho, atender o telefone, comer cenouras, pedir: *Por favor!*»

Roy disse que isso não era justo. «Se você paga para a gente lavar as janelas, devia pagar para lavarmos as orelhas.»

«Devia pagar *mais*», acrescentou Sammy. «É pior lavar orelhas que janelas.»

Criaram tanta complicação que acabei concordando em pagar os trabalhos. «Mas isso tem efeito para os dois lados», expliquei-lhes. «Se vocês fizerem algo errado, pagam uma multa. Deixar a pasta de dentes destampada são 5 centavos; bater a porta, 10 centavos.» Fiz uma lista de duas páginas. No fim da primeira semana, Roy me devia sete dólares e meio, e Sammy mais de 11 dólares. Fiquei desanimado. «Eles nunca vão aprender o valor do dinheiro dessa maneira», anunciei a Maggie.

Ela me disse para ver o lado bom daquele sistema. «Se nós tivéssemos mais filhos, você poderia se aposentar.»

Às vezes, um garoto pode aprender mais acerca do valor do dinheiro se for ganhá-lo fora de casa. Sammy escreveu para uma dessas companhias que dão prêmios em dinheiro às pessoas que

vendem pacotes de sementes. Mandaram-lhe um folheto; tinha fotos de todos aqueles pequenos vendedores de sementes, e dizia coisas como: «As sementes Cresce Depressa são as prediletas de todo mundo.» «Ganhei jogos de pingue-pongue para minha família toda.» «Para ganhar dinheiro com facilidade, sementes Cresce Depressa – vendem sozinhas.»

Parecia maravilhoso, e Sammy encomendou-as. Quando vieram, ele passou um dia inteiro visitando as casas das redondezas. Conseguiu vender? Absolutamente nada.

«Que é que você diz?» perguntei a Maggie. «Isto é que são uns bons vizinhos!»

«Bem», comentou Maggie, «se ele não consegue vender nada ao próprio pai, como é que você quer que seja capaz de vender a estranhos?» Nisso, ela tinha razão.

Depois, houve o emprego de Roy como entregador de jornais. Os políticos costumam gabar-se de terem trabalhado como entregadores de jornais quando eram pequenos. Penso que é uma boa preparação para quem quiser seguir a carreira política; ensina os garotos como fazer para manter o emprego quando está mau tempo: arranjar outra pessoa para entregá-los.

Roy só tinha de entregar os jornais durante dois meses, enquanto o entregador habitual estava fora. Garanti que o ajudaria se ele ficasse doente. Pensei que não corria grande perigo, já que estávamos

no verão; mas, justamente nesse ano, Roy se resfriou, machucou um pé, teve torcicolo, lumbago e, se não me engano, distendeu um músculo do braço jogando tênis e teve gota. Acabei conhecendo o seu trabalho melhor do que ele. Chegava tarde ao emprego três vezes por semana, e adormecia vendo o telejornal à noite, mas o descanso fez um bem enorme a Roy: nunca mais ficou doente desde então.

Há pouco tempo, saí com uns colegas de trabalho para almoçar.

Queria impressioná-los bem, e os levei a um restaurante elegante, onde a garçonete nos tratou com toda a consideração. Meus convidados ficaram muito sensibilizados. «Você deve ser um homem muito importante nesta cidade», disse um deles, «ou a garçonete é alguma amiga sua?»

Respondi que não, que nunca a tinha visto antes.

«Claro que viu, Sr. Stanton», disse ela, «não se lembra? O senhor foi o nosso entregador de jornais durante o verão passado.»



RECENTEMENTE, ficou pronto em Estocolmo um trecho da linha do metrô, com 13.664 metros de extensão, que vai desde a estação central ao subúrbio de Hjulsta e que está sendo chamado de «a mais longa galeria de arte do mundo». As estações ao longo do percurso, cada uma decorada de maneira diferente, apresentam murais, esculturas, inscrições em diversas línguas e mosaicos (tudo trabalho de destacados artistas suecos), além de uma seleção de desenhos feitos por crianças.

- L. S.

QUANDO visitei São Francisco pela primeira vez, ia munido de dois detalhados mapas das ruas, e estava decidido a conhecer a cidade toda sem precisar fazer caminhadas em vão. Passada meia hora, depois de já ter andado por ruelas oblíquas, subido ladeiras tortuosas e cruzado ruas não sinalizadas, acabei me perdendo. Felizmente, avistei um carteiro, e corri para ele com os mapas na mão desfraldados ao vento. «Por favor, podia me mostrar aqui no mapa onde estou?»

«Esses mapas não servem de nada», explicou o carteiro. «Quando a gente está com mapa e se perde, fica frustrado, mas quando se perde e não se tem mapa, a gente esquece que se perdeu e vai descobrir coisas melhores do que aquelas que andava procurando.»

Fiquei pensando nesse conselho enquanto o carteiro se afastava. Nisto, um turista aproximou-se de mim para me pedir uma informação. Dei-lhe os meus mapas, peguei o primeiro bonde que passou e... tive um dia maravilhoso.

- K. G.

66 Entre Aspas 99

A VIDA do pai é o caderno de exercícios do filho.

– *Jewels of Home*

EU DIGO a verdade, não tanto como devia, mas tanto quanto ousar – e vou sempre ousando um pouquinho mais à medida que envelheço.

– Montaigne

SÓ QUEM não diminui a velocidade quando vê um carro da polícia é, provavelmente, quem está estacionado.

– G. S.

É MELHOR confiar no homem que está freqüentemente em erro do que naquele que nunca está em dúvida.

– Eric Sevareid, CBS

SE NÃO fossem feitas no último minuto, muitas coisas nunca ocorreriam.

– M. S. T.

O QUE aprendemos com prazer nunca esquecemos.

– A. M.

QUALQUER que seja a idade de um homem, este pode reduzi-la alguns anos colocando na lapela uma flor de cor viva.

– Mark Twain

UM HERÓI não é mais valente que os outros; apenas conserva a valentia por mais cinco minutos.

– Ralph Waldo Emerson

O TRABALHO de um homem bom mas desconhecido é como um veio de água fluindo escondido sob o solo, tornando secretamente a terra mais verde.

– Thomas Carlyle

UM HÁBITO é uma camisa feita de ferro.

– Provérbio tcheco

TODOS nós reconhecemos um louco quando o vemos – mas não quando o somos.

– A. H. G.

A VERDADEIRA amizade é como a fosforescência – brilha mais quando o mundo em nossa volta escurece.

– D. M.

PODE-SE ter uma idéia mais acertada sobre uma pessoa pelo que ela diz das outras do que pelo que as outras dizem dela.

– Citado por L. A.

A PACIÊNCIA é amarga, mas seus frutos são doces.

– Rousseau